

PRÁTICAS CRIATIVAS E/COMO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: NOTAS SOBRE O PERCURSO DE UM GRUPO DE PESQUISA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dr. Gianpaolo Adomilli ☎ 0000-0001-8370-2267
Dr. Martín César Tempass ☎ 0000-0003-3373-0651
Dr. Gustavo Ruiz Chiesa ☎ 0000-0001-5030-4326
Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO: O objetivo do presente artigo é apresentar algumas das principais atividades, investigações e conceituações desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Saberes Costeiros e Contra-Hegemônicos (NECO), um grupo de pesquisa interdisciplinar que transita principalmente pelas áreas da Antropologia, Arqueologia e Educação Ambiental e se interessa pelos saberes e formas de se relacionar com o mundo elaborados pelos coletivos que circulam e habitam os campos litorâneos do Bioma Pampa.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de Aprendizagem; Saberes; Educação Ambiental.

CREATIVE PRACTICES AND/AS LEARNING PROCESSES: NOTES ON THE PATH OF A RESEARCH GROUP IN THE AREA OF ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT: The objective of this article is to present some of the main activities, investigations and concepts developed by the Center for Studies on Coastal and Counter-Hegemonic Knowledge, an interdisciplinary research group that transits mainly through the areas of Anthropology, Archeology and Environmental Education and is interested in the knowledge and ways of relating to the world elaborated by the collectives that circulate and inhabit the coastal fields of the Pampa Biome.

KEYWORDS: Learning Process; Knowledge; Environmental Education.



1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos contribuir para uma Educação Ambiental (EA) dialógica e com bases nas práticas criativas. Defendemos essa ideia enquanto perspectiva de EA a partir de modos de aprender através das experiências de grupos humanos em seus engajamentos no ambiente. De acordo com Ingold (2015; 2020), seriam formas processuais de viver e habitar que envolvem o desenvolvimento de habilidades e geram conhecimento. Nessa perspectiva, aprender não se trata de transmitir conhecimentos, mas de um processo educativo que se apresenta em uma perspectiva mais aberta, constituída na prática. Partindo dessas bases, propomos esta discussão através de “uma caminhada” entendida aqui enquanto percurso e “estado da arte” das pesquisas e reflexões que vemos desenvolvendo junto ao Núcleo de Estudos Saberes Costeiros e Contra-Hegemônicos (NECO)¹.

Iniciaremos com um breve histórico acerca da criação do NECO, contextualizando temáticas e mudanças conceituais que ocorreram durante sua trajetória, em um processo de redirecionamentos e qualificação das questões de pesquisa desenvolvidas pelo grupo ao longo desses anos. A seguir, abordaremos a dinâmica e conteúdo dos encontros do grupo, bem como isso refletiu na experiência de ministrar uma disciplina tendo como foco justamente a questão das práticas criativas e/ou como processos de aprendizagem junto ao Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), durante os anos de 2021 e 2022. Nesse contexto, destacam-se algumas questões e conceitos que apontam para o tema dos saberes enquanto práticas criativas e como estas dizem respeito a processos de aprendizagem e nos levam à



reflexão e a proposições na EA. Dando continuidade a essas discussões, apresentamos algumas pesquisas de estudantes vinculados ao NECO, principalmente trabalhos de conclusão na graduação e pós-graduação, procurando demonstrar de que forma essas abordagens são desenvolvidas nessas pesquisas.

2 SABERES COSTEIROS: IMPULSOS INICIAIS PARA IDEIAS DE MOVIMENTO E PRÁTICAS CRIATIVAS

Tendo, como ponto de partida a proposta de viabilizar pesquisas científicas sobre temas relacionados a grupos e coletivos que habitam e circulam em ambientes costeiros, seus territórios, cosmologia, “tradições” e saberes, foi criado, em 2010, o NECO². Mais especificamente, focalizando grupos e coletivos caracterizados por estabelecerem vínculos territoriais com os campos litorâneos do Bioma Pampa³, sejam eles situados no meio rural, em cidades ou pequenos núcleos urbanos. Desde sua formação, o NECO reuniu pesquisadores, majoritariamente com formação em Antropologia, e estudantes do bacharelado em Arqueologia e do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da FURG. Inicialmente buscava-se uma perspectiva interdisciplinar entre essas áreas, mas nos últimos anos, ficou cada vez mais evidente possibilidades para além dessa perspectiva, mudando o foco para a “indisciplinaridade”, no sentido de transcender aos limites disciplinares e de saberes hegemônicos.

Neste primeiro momento, registramos o NECO como “Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Tradicionais”. Essa primeira nomenclatura explicitava o foco em estudos junto a populações consideradas “tradicionais”, como pescadores artesanais, ameríndios, pequenos agricultores, quilombolas, entre outros, no sentido da constituição de suas práticas e saberes com base nos seus modos de habitar a zona costeira do litoral sul do Rio Grande do Sul. Trata-se



também da mesma região onde está situada a Universidade Federal do Rio Grande, que tem reforçado em sua filosofia e política institucional uma identidade voltada para os ecossistemas costeiros⁴.

Paradoxalmente, esses grupos encontram-se próximos geograficamente e ao mesmo tempo distantes no que se refere ao reconhecimento de suas práticas e saberes dentro da Universidade⁵. Neste sentido, constatamos também que haviam poucos estudos e pesquisas desenvolvidos pela FURG e/ou outras instituições acerca desses grupos, expondo uma grande lacuna sobre o tema, sobretudo na área das ciências humanas. Isso nos motivou a buscar e desenvolver estudos e pesquisas nesta via, ao mesmo tempo em que a dinâmica de trabalho ocorria principalmente através de reuniões quinzenais, na modalidade seminário de grupo de estudos, através da leitura e discussão de textos, bem como orientações de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) no bacharelado em Arqueologia e dissertações de mestrado no PPGA, priorizando a realização de investigações etnográficas junto a esses grupos. Nesta etapa, estudantes que participavam do NECO iniciaram e concluíram suas pesquisas abordando essa temática.

Além do caráter interdisciplinar, envolvendo principalmente as áreas de antropologia/arqueologia e de EA, questões em torno dos conflitos ambientais começaram a emergir desde a formação do núcleo e foram ganhando corpo com o desenvolvimento dessas pesquisas, onde as relações entre natureza e cultura eram abordadas desde uma perspectiva crítica e tensional. A Antropologia, por se tratar de uma ciência compreensiva, que se desenvolve a partir do processo de relativização, apresenta uma proposta de aprender com o outro, voltada mais à escuta. Tendo suas bases na crítica ao colonialismo e ao Estado, tende a dialogar com a EA em sua crítica ao modelo capitalista e, conseqüentemente, a uma EA normativa, restrita às condutas individuais. Assim, privilegiou-se contextos de



embates territoriais ligados a controvérsias ambientais, que apontavam para uma diversidade contrastante de conhecimentos, na especificidade dos modos de se pensar e se relacionar com o ambiente⁶.

Paralelamente, também foi se constituindo uma rede de “Antropologia Marítimo-Costeira”, envolvendo pesquisadores sul-americanos, a partir da experiência de coordenação de grupos de trabalho sobre essa temática nos congressos da Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM)⁷. Destaca-se a confluência entre essa rede e o NECO em torno de estudos e pesquisas sobre povos/grupos costeiros, sobretudo nas suas relações com o ambiente aquático. Assim, as ações do Núcleo reforçaram o foco analítico da perspectiva voltada aos campos litorâneos do bioma Pampa. Pela via da rede de pesquisadores em Antropologia Marítimo-Costeira, foram se estabelecendo articulações entre o NECO e o Centro de Investigaciones del Patrimonio Costero (CIPAC), grupo de pesquisa vinculado ao Centro Universitario de Regional del Este (CURE), um centro avançado da Universidad de la República (UDELAR), situado no litoral leste uruguaio, destacando-se aí o fato de compartilharem o mesmo bioma e devido ao caráter de fronteira entre a FURG, uma universidade situada no extremo sul do litoral brasileiro, e a costa uruguaia⁸.

3 MUDANÇA NA NOMENCLATURA PARA “SABERES COSTEIROS E CONTRA-HEGEMÔNICOS”

Por outro lado, ao longo das discussões/debates conceituais e novas pesquisas, a noção de “tradicional”, por se tratar de um conceito com pouca flexibilidade para dar conta da ideia de movimento/transformação, entendida sobretudo a partir da dinamicidade do modo de vida dos grupos e coletivos que se constituíam nos interlocutores das pesquisas⁹, foi dando lugar a uma ideia mais



fluida em torno de saberes. Assim, fomos problematizando a noção de tradição, mesmo considerando a importante contribuição de Sahlins (1997), que considera que uma tradição somente continua porque se transforma, ou mesmo concebendo a ideia de povos tradicionais enquanto categoria que abarca uma diversidade de grupos humanos na perspectiva cosmológica de seus vínculos territoriais, conforme propõe Little (2018), ou, ainda, na concepção de Cunha e Almeida (2009), enquanto apropriação política de determinados grupos em suas reivindicações de direitos e em condição de fragilidade socioambiental diante das consequências do processo de expansão do mundo urbano industrial. Sem deixar de considerar todas essas contribuições enquanto modos de resistência, percebemos aí uma forma de permanência das chamadas “dicotomias modernas”, e que remete ao pensamento colonialista ao reforçar a dualidade "tradicional/moderno". Paralelamente, abordagens em torno de saberes e suas práticas foi ganhando maior consistência teórica, sobretudo na perspectiva e de uma antropologia ecológica, enquanto modos de aprender a partir e junto ao engajamento das pessoas no/com o ambiente. Isso nos possibilitou entrar mais profundamente na questão educativa, relacionada a experiência de ser no mundo, seguindo a vertente fenomenológica. Ampliando o sentido dos *saberes costeiros* para além de um conjunto de conhecimentos e práticas criativamente elaboradas pelos variados coletivos que habitam a costa litorânea do pampa gaúcho, caminhamos em direção a uma compreensão metafórica da ideia de *costa* (ou *costeiros*) que concebe tais saberes como estando localizados à margem ou na periferia dos saberes hegemônicos, exercendo, desse modo, um movimento contra-hegemônico às formas de dominação e modos de conhecer socialmente estabelecidos pela Ciência, pelo Estado, pela Igreja e/ou por visões de mundo estruturadas a partir de uma lógica patriarcal, colonial e heteronormativa. Afinal, habitar as margens (epistemológicas



e/ou geográficas) possibilita perceber o que está no centro de uma maneira mais crítica e criativa.

Nesse sentido, a proposta de incluir a noção de contra-hegemônicos aos *saberes costeiros* visa de algum modo jogar luz e aprender com essas outras formas de perceber e se relacionar com o mundo e, ao mesmo tempo, dialogar com correntes filosóficas e teórico-metodológicas contemporâneas que, a nosso ver, contribuem para ampliar o próprio entendimento ao redor da ideia de uma Educação Ambiental, tornando-a de algum modo mais próxima das assim chamadas epistemologias decoloniais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008; WALSH, 2014) ecológicas (STEIL; CARVALHO, 2014) e feministas (HARAWAY, 1995).

4 CONFLUÊNCIAS COM OS SABERES MBYÁ-GUARANI

A partir do ano de 2015, com o ingresso de novos pesquisadores, o NECO intensificou o diálogo e atuação no campo da Etnologia Indígena. Foram realizadas diversas mesas e palestras sobre as questões ameríndias, com a participação de etnólogos convidados de outras universidades. Nessa época houve uma retomada dos diálogos com os alunos e pesquisadores do Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A proximidade geográfica entre as duas instituições (cerca de 50 quilômetros) possibilitou a realização conjunta de diversas atividades, com destaque para a terceira viagem etnográfica, para São Miguel das Missões (RS).

Essa aderência do NECO com a Etnologia ganhou ainda mais relevância no final do ano de 2016, quando alguns poucos *Mbyá-Guarani* iniciaram um processo de retomada de suas terras tradicionais no município de Rio Grande. Esse movimento levou ao surgimento de duas novas aldeias (*tekoá*). A *Tekoá YYrembé*,



liderada pelo Cacique Eduardo, significa “Aldeia Beira Mar”. E a *Pará Roké*, que em português é “Portal do Mar”, fundada pela xamã (*kuñã Karaî*) Talcira e sua parentela. Curiosamente foi a partir do nome das duas novas aldeias que começamos a pensar a etnia *Mbyá-Guarani* como mais uma das muitas populações costeiras da região, que são o foco principal das pesquisas realizadas no âmbito do NECO.

Os *Mbyá-Guarani* são uma das três parcialidades étnicas dos grupos de língua Guarani presentes no Brasil. Eles ocupam, de forma descontinuada, um vasto território que ignora as fronteiras nacionais de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. No Brasil, os *Mbyá-Guarani* possuem aldeias nos Estados litorâneos, do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. Também possuem aldeias no Mato Grosso do Sul. O município de Rio Grande (RS) fica dentro do amplo território *Mbyá-Guarani* e, como apontam as pesquisas arqueológicas, tinha uma forte presença desta população até um passado recente. Porém, como ocorreu na América inteira, a pressão da sociedade envolvente expulsou os ameríndios de suas terras sagradas e tradicionais.

Em 2011, a cacique e xamã (*kuñã karaî*) Talcira, então moradora da aldeia da Estiva, em Viamão (RS), sonhou como “uma terra Guarani” na região de Rio Grande e/ou Pelotas. A atividade onírica é muito forte entre os *Mbyá-Guarani* e conduz os frequentes deslocamentos do grupo. Talcira fez diversas viagens para a região durante cinco anos, até encontrar a terra que foi sonhada. Logo, uma *tekoá* (aldeia) foi formada na localidade e nomeada de *Pará Roké*, que significa Portal do Mar. O curioso é que essa “terra” dista cerca de cinquenta quilômetros do Oceano Atlântico e uns quinze quilômetros da Lagoa dos Patos, outrora conhecida como “Mar de Dentro”. Essa informação nos fez questionar o que é “mar” para este grupo, qual seus entendimentos de distância e proximidade (50 km é “junto”, por exemplo)



e, principalmente, o quê é um “portal” na cosmologia *Mbyá-Guarani*. A tradução é simplificada, mas esse “portal” é um lugar muito sagrado onde os xamãs da etnia conseguem acessar caminhos específicos que conduzem a outros domínios do cosmos e permitem conexão com seres importantes, que são inacessíveis através dos caminhos convencionais. Existem inúmeros desses “portais” no mundo Mbyá-Guarani, mas os melhores estão localizados na região litorânea. Essa informação de certa forma explica a concentração da maior parte desta população na região litorânea do Brasil.

Independente desses portais, os Guarani são povos de origem amazônica que fizeram o seu processo de expansão territorial seguindo o curso dos grandes rios (SOUZA, 2008). Assim, mesmo no interior do continente, as aldeias da etnia sempre estão num contexto costeiro. Hábeis canoieiros, num passado recente, os *Mbyá-Guarani* transitavam entre as suas inúmeras aldeias (*tekoá*) navegando. Atualmente, a (o)pressão da sociedade envolvente diminuiu significativamente esta modalidade de deslocamento. Mas, se os cursos d’água já não são mais os principais caminhos para os *Mbyá-Guarani*, eles continuam sendo caminhos e moradas para uma infinidade de seres, visíveis e invisíveis, que povoam os diferentes domínios do cosmos. Seres da natureza e sobrenatureza que mantêm relações sociais com os ameríndios.

Bartomeu Meliá (1986; 1989) descreveu as *tekoá* (aldeias) como um complexo de casas-roças-matas, imprescindíveis para o modo de ser (*tekó*) dos Mbyá-Guarani. Porém, como nossas pesquisas apontaram que toda *tekoá* precisa ter “águas”, passamos a entender as aldeias desta população como complexos de casas-roças-matas-águas (TEMPASS, 2019). E sobre isso é importante destacar que as aldeias Mbyá-Guarani não se restringem (atualmente) aos diminutos espaços cercados pela FUNAI. Uma *tekoá* não tem limites estanques, não tem



fronteiras. Assim, mesmo quando o curso d'água fica do outro lado da cerca, ele ainda é um elemento definidor da ocupação *Mbyá-Guarani*.

A ausência de limites e fronteiras vale para tudo na sociedade *Mbyá-Guarani* (TEMPASS, 2012). E, obviamente, também se aplica para as águas. Se na sociedade envolvente os rios fragmentam os mapas, separam territórios, ambientes e populações e cortam caminhos, entre os ameríndios observamos o contrário. Na cultura *Mbyá-Guarani* as águas unem, aproximam, conectam e comunicam. Elas são elos, nunca limites.

E é importante destacar o uso de “águas” no plural. A diversidade importa muito. Quanto mais, melhor. Sejam elas de fontes, vertentes, córregos, riachos, poços, açudes, rios, lagos e/ou mares. Águas paradas, engarrafadas e encanadas devem ser evitadas. Os *Mbyá-Guarani* não têm o direito de “prender” outros seres. Águas aprisionadas podem veicular feitiços, causar doenças e até mortes. Assim, só as “águas livres” são desejadas, são sagradas. E cada água diferente é morada e caminho para seres diferentes.

A pesca é uma das atividades preferidas dos *Mbyá-Guarani*. E “histórias de pescador” não faltam. Pescaria muitas vezes é sinônimo de festa, que envolve grande número de indivíduos, homens, mulheres, crianças, jovens e velhos. Eles acionam diferentes técnicas para a captura dos peixes, desde a simples pesca com a mão até a construção de grandes estruturas que funcionam como armadilhas e o uso de plantas ictiotóxicas (TEMPASS, 2019). O consumo de pescados é fortemente recomendado na “dieta” do grupo, posto que os peixes ajudam no principal objetivo dos *Mbyá-Guarani* neste mundo, que é a construção de pessoas (corpo + alma) perfeitos (TEMPASS, 2012).



5 OS ENCONTROS DO NECO E A EXPERIÊNCIA DE MINISTRAR A DISCIPLINA “AMBIENTES E APRENDIZAGENS”

No intuito de aprofundar a reflexão e o aprendizado sobre (ou com) os saberes costeiros e contra-hegemônicos, nos últimos anos, o NECO vem promovendo encontros quinzenais onde são debatidos artigos, livros, teses, ensaios envolvendo as temáticas pertinentes ao núcleo, sempre a partir de uma perspectiva interdisciplinar, eventualmente contando com a presença de pesquisadores/as e professores/as de outras instituições, convidados/as a apresentarem seus trabalhos e publicações ao grupo. Como consequência de tais encontros, no ano de 2021 foi ofertada pela primeira vez no PPGA/FURG a disciplina Ambientes e Aprendizagens. A disciplina, conforme a ementa que criamos, propõe abordar a relação entre ambiente, cultura e aprendizagem, na proposta de uma educação ambiental em interface com a antropologia ecológica, principalmente daquela derivada da vertente fenomenológica. Nessa linha, a perspectiva de educação ambiental seria voltada aos modos de aprender através das experiências práticas de grupos humanos em seus engajamentos no ambiente, das formas processuais de viver e habitar que envolvem o desenvolvimento de habilidades e geram conhecimento. Assim, procedemos com a leitura (e posterior discussão em formato de seminários) de trabalhos de autores e autoras que propõem epistemologias ecológicas para superar as dicotomias modernas, como natureza/cultura e corpo/mente, abordagens sobre as relações entre humanos e não humanos e a perspectiva do parentesco multiespécies. O objetivo seria trilhar possibilidades de uma Educação Ambiental partir das formas de habitar o mundo, com foco em contextos que envolvam pesquisa etnográfica em torno de modos diversos de aprendizagens enquanto práticas sociais de organismos-pessoas ou, para além dessa perspectiva, enquanto ritmo/movimento em sistemas de relações instáveis.



Os encontros foram divididos em três módulos, sendo que, ao final de cada um deles, contamos com a presença de um pesquisador/a convidado/a ligado ao tema desenvolvido, para que apresentasse ao grupo suas experiências e reflexões de pesquisa. Dentre os convidados recebidos ao longo da disciplina, contamos com a presença de Isabel Carvalho (abordando o tema das epistemologias ecológicas), Renzo Taddei (apresentando, a partir de uma perspectiva antropológica, as controvérsias ao redor do antropoceno) e Nelson Job (enfatizando as potencialidades teórico-metodológicas da transdisciplinaridade ou dos transaberes, como sugere o próprio autor). Já durante o ano de 2022, tivemos como convidada Valéria Iared (apresentando suas pesquisas a partir do conceito de *walking ethnography* em uma perspectiva de estudo móvel/sensorial para a EA). As dinâmicas dos encontros que orientavam a apresentação dos convidados se dava no formato de uma “roda de conversa” que contava não só com a participação ativa dos estudantes inscritos na disciplina, mas também dos integrantes do NECO.

6 ALGUNS TRABALHOS CONCLUÍDOS

A dimensão dos saberes costeiros e contra-hegemônicos, pensando na região denominada de campos litorâneos do bioma pampa, tem envolvido algumas das questões e aportes teóricos já mencionados com pesquisas etnográficas que vêm sendo desenvolvidas através de projetos e/ou pesquisas individuais dos membros do NECO (orientações de TCCs, mestrado e doutorado). Dentre estas investigações, destacamos a questão do desenvolvimento e dinâmica de habilidades e a questão de gênero, ambas relacionadas a processos de aprendizagens. Entre 2016 e 2018 realizamos algumas investigações em torno da arte da construção naval para a pesca artesanal, a partir de um trabalho que compôs o Inventário Nacional das



Referências Culturais (INRC) de São José do Norte/RS pelo IPHAN, realizado naquele período. Tendo como base essa primeira experiência, estendemos a pesquisa para a colônia Z3, localizada no município de Pelotas/RS, durante o ano de 2018, resultando em um Trabalho de Conclusão de Curso defendido por Francisco Romani, intitulado Contribuições à compreensão da carpintaria naval na Z3. Etnografia dos carpinteiros navais, suas técnicas e seu ofício (ROMANI, 2018). Como questões principais, destacamos a indagação de como tornar-se carpinteiro naval, quais os conhecimentos adquiridos através das experiências desses carpinteiros e sua relação com as propriedades, fluxos e dinâmicas dos materiais.

Especialmente no TCC de Romani (2018) contamos com uma ampliação da perspectiva etnográfica, sendo que, no ano seguinte, como desdobramento destes percursos, foi publicado um artigo alinhavando esses trabalhos realizados em São José do Norte e Pelotas em torno dos conhecimentos e habilidades no âmbito de processos técnicos da construção naval para a pesca artesanal. De certo modo, o foco nas práticas/experiências desses carpinteiros navais, nas associações/conexões que se estabelecem no processo técnico de construção de embarcações nesta região costeira do extremo sul do Brasil, nos revelaram elementos que compõem determinados saberes costeiros e de que forma são constituídos através do engajamento desses carpinteiros no ambiente e na sua comunidade de trabalho. Destacam-se aí algumas questões: o conhecimento naval e de hidrodinâmica ligada a ação do mar e do vento, entre outros mais que humanos; as mudanças no ofício ao longo do tempo, onde a evolução das habilidades também se relaciona às tecnologias que vão surgindo decorrentes do mercado da pesca - que podemos considerar enquanto dinâmica de transformações na atividade pesqueira em geral; a marca ou estilo individual de cada carpinteiro



na construção das embarcações, que se aproxima de uma noção de arte e design e que também conta uma história das embarcações e seus construtores.

Já a questão de gênero no mundo da pesca, sob a perspectiva de uma educação ambiental conectada aos saberes costeiros e contra-hegemônicos, foi desenvolvida na tese de doutorado de Liza Bilhalva Martins no PPGEA/FURG intitulada “Lagoas de mulheres: pescadoras embarcadas e educação ambiental no sistema lagunar-costeiro do/no sul do Rio Grande do Sul”. Liza realizou pesquisa etnográfica junto a pescadoras embarcadas da pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos e na Lagoa Mirim, área que compõe o sistema lagunar-costeiro do sul do Rio Grande do Sul. A autora procurou observar e participar da vida destas mulheres, na perspectiva da observação participante, enquanto forma de, junto às pescadoras, aprender como estas tornam-se pescadoras e seus processos de aprendizagem a partir do engajamento nesses ambientes costeiros/lagunares e diante de uma série de conflitos socioambientais por elas vivenciados. A tese tem seus principais aportes na noção de epistemologias ecológicas, sobretudo, daquela proposta por Tim Ingold (2015) e nas epistemologias feministas decolonial e interseccional. Para Bilhalva Martins (2022, p. 7), “ao assumir tais perspectivas, pesquisadora e pescadoras seguiram juntas, através da experiência, os fluxos e influxos dos processos educativos”. Nesse sentido, percebe-se a dialogicidade e a dimensão de troca de saberes para a perspectiva em torno da noção de saberes costeiros e contra hegemônicos na tese. Conforme a autora,

A partir desta experiência com as pescadoras, esta tese buscou construir pesquisa, teoria e prática pedagógica – nomeada como educação ambiental – atenta para a horizontalidade nas relações e no conhecimento, promovendo assim, o encontro entre academia e comunidade; entre o saber científico e o saber local/cultural; entre a teoria feminista, a educação ambiental e o mundo das pescadoras embarcadas na busca por justiça ambiental, equidade de gênero e educação contra- hegemônica (MARTINS, 2022, p. 8).



De modo geral, podemos afirmar que na tese de Liza Bilhalva Martins e nos trabalhos anteriores em torno da construção naval, sobressai uma questão de fundo, que consiste em como lidar com a diversidade de formas de aprendizagens na vida social e o que isso nos diz sobre os fundamentos antropológicos da EA, sobretudo a partir das epistemologias ecológicas (STEIL; CARVALHO, 2014).

Nessa mesma linha, pesquisas junto a duas aldeias Mbyá-Guarani, localizadas no município de Rio Grande, vem abordando a perspectiva da troca de saberes, sobretudo dos saberes contra hegemônicos e de que forma a cosmologia Mbyá-Guarani se aproxima de determinadas epistemologias ecológicas que vão ganhando espaço no âmbito da virada ontológica. Uma primeira reflexão, com base no trabalho de campo de Daciene Oliveira junto a uma dessas aldeias (OLIVEIRA, 2019), diz respeito à troca de saberes entre os *Mbyá-Guarani* e os *juruá* (não indígenas), a partir de estratégias elaboradas e colocadas em ação pelos primeiros, em um movimento de retomada de seus territórios e continuidade da sua cultura, ao mesmo tempo em que interagem com a sociedade envolvente e buscam aprender com o outro. Conforme defendem Taks e Foladori, podemos pensar em uma articulação de saberes, no sentido de uma articulação entre conhecimento científico e o “[...] conhecimento prático dos diversos povos e a necessidade de participação das populações locais, na produção de ‘novas sínteses’” (TAKS; FOLADORI, 2004, p. 328). Trata-se, entre outras coisas, de uma abertura para saberes contra hegemônicos, no âmbito das epistemologias ecológicas, onde se situa uma pergunta que move a pesquisa de Oliveira (2019): como podemos aprender uns com os outros e pensarmos a EA a partir deste encontro com os Mbyá-Guarani? Qual seria uma “educação ambiental Mbyá-Guarani”, se nos encontramos em um esforço para transcender as dualidades modernas e os povos indígenas não separam cultura e natureza? Dito por outras palavras, como pensar



uma educação ambiental a partir dos conhecimentos *Mbyá-Guarani*, envolvendo ciência e cosmologia, espiritualidade, meio ambiente e desenvolvimento humano? O que podemos aprender a partir dessas conexões?

Já no artigo *Jequetá*, percorrendo caminhos e revelando sonhos: os *Mbyá-Guarani* e a educação da atenção, Oliveira, Adomilli, Chiesa (2021) estabelecem uma relação entre as caminhadas e os sonhos Mbyá-Guarani com o conceito de educação da atenção desenvolvido por Ingold. Para os Mbyá-Guarani, o *jequetá* seria parte de seu modo de vida e construção de pessoa, Por sua vez, Tim Ingold (2015; 2020) propõe que antropologia e educação andariam juntas e aqui andar/caminhar pode ser entendido enquanto metáfora, mas também, e principalmente, como prática, no sentido de um processo de experienciar e de conhecer o mundo (INGOLD, 2020).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar, a partir de alguns autores das chamadas epistemologias ecológicas e com base em um relato de experiências acadêmicas de ensino, pesquisa e contato com as comunidades, que aprender ocorre de forma processual, por meio das experiências concretas a partir do engajamento no ambiente. São práticas criativas, uma vez que não se trata de transmissão de conhecimento, mas de saberes que se forjam na prática e são constantemente atualizados nas experiências de viver o mundo.

Neste sentido, a noção de saberes costeiros remete justamente a estes engajamentos no ambiente e na dinâmica das relações entre humanos e entre estes e os mais que humanos. A ideia de uma educação que seria sinônimo de transmissão de conhecimentos, ou uma educação bancária, nas palavras de Paulo



Freire (1987), reduz a EA a seguir as regras e padrões estabelecidos. Ao contrário, a dinamicidade do modo de vida e as diferentes formas de engajamento e de entendimento do/no mundo em que vivemos apontam para uma perspectiva pluriversa (ESCOBAR, 2016) em toda sua dimensão política/cosmológica para se resistir em tempos de antropoceno. Soma-se aí a constatação de que não estamos sozinhos no mundo e a proposição de ampliarmos as alianças entre humanos e mais que humanos, conforme aponta Haraway (2019). No âmbito da virada ontológica, esta dimensão das epistemologias ecológicas/feministas/decoloniais, dizem respeito a “saberes localizados” (HARAWAY, 1995) que se encontram nas margens (ou nas costas) do sistema. Esta seria uma das formas com que concebemos a ideia de margem, para além do seu aspecto meramente geográfico ou espacial. Mas também pode estar associada à ideia de movimento se pensarmos na fluidez das águas, no ir e vir das marés, nos atravessamentos entre terra, vento e mar em uma paisagem costeira. Em relação aos distintos modos de engajamento no ambiente tais experiências são, portanto, viscerais.

Em certa medida, pensar as margens como movimento, fluidez e atravessamentos nos aproxima dos chamados estudos móveis e sensoriais¹⁰, uma abordagem teórico-metodológica que procura superar o dualismo ontológico e epistemológico constitutivo do pensamento ocidental hegemônico. Ao considerar os aspectos corporais, sensoriais e afetivos que atravessam o processo de conhecer e habitar o mundo, tais estudos permitem não só questionar a forte hierarquia que fragmenta e coloca em lados opostos corpo e mente, razão e emoção, natureza e cultura, mas também estabelecer um diálogo mais simétrico e criativo com todos esses saberes marginais, costeiros e contra-hegemônicos que nos convidam a pensar, sentir e se relacionar com o mundo de outra maneira... de corpo inteiro.



REFERÊNCIAS

ADOMILLI, G.; CAMARERO, L. D.; QUIROZ, D. O tecer de uma rede sul americana de antropologia marítimo-costeira: relato de uma experiência em andamento. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 171-183, 2017.

ADOMILLI, G.; ROMANI, F.; CAMARERO, L. D. A arte da construção naval na pesca artesanal: sobre saberes e habilidades de carpinteiros navais do litoral do extremo sul do Brasil. **Cadernos do Lepaarq**, v. XVI, n. 32, p. 122-137, 2019.

MARTINS, L. B. **Lagoas de mulheres**: pescadoras embarcadas e Educação Ambiental no sistema lagunar-costeiro do/no Sul do Rio Grande do Sul. 2022. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, 2022.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

ESCOBAR, A. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 11, n. 1, p. 11-36, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, D. **Seguir con el problema**: generar parentesco en el chthuluceno. Bilbao: Consonni, 2019.

HOWES D.; CLASSEN, C. **Ways of Sensing**: understanding the senses in society. London: Routledge, 2014.

IARED, V.; OLIVEIRA, H. O walking ethnography para a compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v. XX, n. 3, p. 99-116, 2017.



INGOLD, T. **Estar Vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, T. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, v. 28, n. 1, p. 251–290, 2018.

LOPES, R. C. **A mineração em São José do Norte, RS**: um estudo sobre controvérsias ambientais em torno do projeto Retiro. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, 2017.

MELIÀ, B. **El Guarani conquistado y reducido**. Assunção: Universidade Católica, 1986.

MELIÀ, B. A experiência religiosa guarani. In: MARZAL, M. M. *et al.* **O rosto índio de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MIGNOLO, W. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, [s. l.], n. 22, p. 11-41, 2008.

NEBEL, G. **Conflitos ambientais no Pontal da Barra - Pelotas/RS - desde uma perspectiva etnográfica na Educação Ambiental**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, 2014.

OLIVEIRA, D. **Outras culturas, outras naturezas: educação ambiental, vivências e resistências Mbyá-Guarani no Tekoa Y'yerembe em Rio Grande/RS**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, 2019.

OLIVEIRA, D.; ADOMILLI, G.; CHIESA, G. R. Jeguetá, percorrendo caminhos e revelando sonhos: os Mbyá-Guarani e a educação da atenção. **Ambiente & Educação**, v. 26, n. 1, p. 65-81, 2021.

PINK, S. **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Publications, 2009.

PUSSETTI, C. Quando o campo são emoções e sentidos: apontamentos de etnografia sensorial. In: MARTINS, H.; MENDES, P. (ORG.). **Trabalho de Campo**:



envolvimento e experiências em Antropologia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

PRADO, R. Viagem pelo conceito de populações tradicionais com aspas. *In*: STEIL, C.; CARVALHO, I. (ORG.). **Cultura, Percepção e Ambiente**: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (ORG.). **A Colonialidade do Saber**: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RIETH, F. *et al.* “Aqui na lida é eu, a esposa e os cachorros”: trabalho familiar e saberes pecuários nos campos dobrados do Alto Camaquã. **Tessituras**, v. 7, n. 1, p. 49-68, 2019.

SAHLINS, M. O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte I). **Mana**, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SOUZA, J. O. C. Territórios e povos originários (des)velados na metrópole de Porto Alegre. *In*: Prefeitura Municipal de Porto Alegre; Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. **Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2008.

STEIL, C.; CARVALHO, I. Epistemologias Ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

TEMPASS, M. **A doce cosmologia Mbyá-Guarani**: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.

TEMPASS, M. Quanto mais peixe, melhor: sobre a importância da pesca para os Mbyá-Guarani. **Cadernos do Leparq**, v. XVI, n. 32, p. 169-179, 2019.

WALSH, C. **Lo pedagógico y lo decolonial**: entretejiendo caminos. Querétaro: Colectivo Zapateándole al mal gobierno, 2014.

Recebido em: 20-11-2022
Aceito em: 26-04-2023



NOTAS

1 Não poderíamos deixar de fazer um agradecimento especial à Valéria G. Iared e Narjara Mendes Garcia pelo convite em apresentar as pesquisas do NECO na Anped Sul (2022), no eixo temático “Educação Ambiental”, resultando em um impulso inicial para a escrita deste artigo.

2 A criação do Núcleo se deu via cadastramento como projeto de pesquisa permanente na FURG e registro na plataforma do diretório dos Grupos Pesquisa do CNPq.

3 O bioma pampa é característico do Rio Grande do Sul, Uruguai e parte da Argentina. Por campos litorâneos do bioma pampa, entende-se um recorte deste vasto bioma em suas características costeiras. Há também a denominação de “campos lisos ou planos” e “campos dobrados” (RIETH, *et al.*, 2019). O primeiro se aproxima da ideia de campos litorâneos, por suas características gerais de áreas de banhados e plantas que se encontram na região costeira (ou relativamente próximos) do sul do Rio Grande do Sul. Já os campos dobrados referem-se a áreas de maior relevo, mostrando a heterogeneidade dessas paisagens.

4 Destacam-se, na FURG, os cursos ligados à área dos ecossistemas costeiros e oceânicos, como é o caso, por exemplo, da graduação em Oceanologia e da pós-graduação em Oceanografia Biológica, cursos que também atuam junto ao Museu Oceanográfico gerido pela universidade.

5 Por outro lado, não poderíamos deixar de reconhecer importantes avanços, em especial no que se refere às políticas de cotas para afrodescendentes, indígenas, quilombolas, o reconhecimento e inclusão das pautas identitárias, a interlocução com os movimentos sociais, entre outras políticas/ações de ampliação e democratização do acesso à universidade.

6 Destacamos como produção as dissertações de mestrado de Gitana Nebel (2014), intitulada “Conflitos ambientais no Pontal da Barra - Pelotas/RS - desde uma perspectiva etnográfica na Educação Ambiental” e de Raizza da Costa Lopes (2017), intitulada “A mineração em São José do Norte, RS: um estudo sobre controvérsias ambientais em torno do projeto Retiro’.

7 No que se refere aos encontros científicos, na RAM de 2009 organizamos um primeiro GT de Antropologia marítimo-costeira, possibilitando a construção de uma rede sul americana de pesquisadores/as, em especial do Chile, Brasil e Uruguai. Continuamos com a atuação em GTs em edições posteriores da RAM (2011; 2013; 2015; 2019), além de encontros organizados nesses três países (2010; 2012; 2014; 2016; 2018) e participação em mesas em outros congressos (ALA, em 2020, e IUAES em 2021).

8 Sobre o assunto ver Adomilli, Camarero e Quiroz (2017).

9 Sobre a crítica ao conceito de populações tradicionais ver Prado (2012).

10 Cabe mencionar aqui alguns autores que identificamos nestes estudos em que nos apoiamos: Pink (2009), Howes e Classen (2014) Ingold, (2015), Pusseti (2016), Iared e Oliveira (2017), dentre outras importantes contribuições.

